

Nova Renascença

publicação trimestral



Julho/Dezembro

Verão
Outono de 1987



ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

GÉNESE E PRECURSORES DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»

A «Renascença Portuguesa», o primeiro e o mais importante movimento cultural a surgir e a afirmar-se neste século, foi fundada no Porto, na sequência da revista *A Águia*, pouco depois da proclamação da República, sendo animada por um grupo de intelectuais que a esta estiveram ligados e em que sobressaíam Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Álvaro Pinto, aos quais se juntou a figura carismática de Teixeira de Pascoaes, aglutinando escritores e artistas do norte ao sul do país, de múltiplas tendências, desde António Sérgio e Raul Proença a Afonso Lopes Vieira, António Correia de Oliveira ou Afonso Duarte.

Tratava-se de um projecto profundamente renovador, de que outros colaboradores deste número especial da «Nova Renascença» darão conta. Mas, para compreender a sua génese, que remonta ao séc. XIX, é importante evocar alguns dos seus precursores. Eis o que aqui faremos, mesmo perfunctoriamente.

Na tradição da luta contra a Monarquia absoluta, o Porto tinha como se sabe desempenhado um papel decisivo nas revoluções liberais de 1820 e 1832-34, bastando citar os manes tutelares do nosso Romantismo, Garrett e Herculano, um que aqui nasceu e outro que aqui a seu lado combateu e trabalhou como bibliotecário durante o Cerco, para simbolizar essa época heróica.

Depois da revolução de Setembro de 1836, liderada pelos irmãos Passos, cujo radicalismo correspondia às tendências democráticas latentes no Liberalismo, começaram entretanto a difundir-se, por 1848, as ideias republicanas, logo seguidas das socialistas, que tiveram sobretudo eco nos meios intelectuais, em virtude do atraso da industrialização não permitir a formação de massas operárias organizadas.

Foi sem dúvida Proudhon o teórico socialista que mais influência exerceu em Portugal, através de Antero de Quental e de outros elementos da geração de 70, que introduziram a Primeira Internacional no nosso país. O socialismo proudhoniano tendia porém ao anarquismo, que viria a dominar no nosso sindicalismo.

Os fundadores da «Renascença Portuguesa», ao agruparem-se na sua juventude na revista «Nova Silva», nos anos já mais tardios da primeira década do séc. XX (1907), seriam precisamente marcados pelos ideais anarquistas libertários, paralelamente aos republicanos, que abraçaram no entanto numa vertente não positivista, divergente da que Teófilo Braga no respectivo partido propugnava.

Embora, sob certos aspectos, a «Renascença Portuguesa» representasse uma «reação contra a geração dos *Vencidos da Vida*, no que esta

teve de céptica, pessimista e amarga», como escreveu Jaime Cortesão¹, a verdade é que foi Antero o vulto que maior influência exerceu nos fundadores daquele movimento. Fascinados pela sua grandeza simbólica, alguns dos escritores renascentistas dedicaram-lhe estudos significativos, a começar por Leonardo Coimbra.

O socialismo anterior era porém fonte de controvérsia. Afastando-se do republicanismo, o poeta considerava que «a grande revolução só pode ser uma revolução moral»². A sua desilusão, desembocando no suicídio, foi um epílogo trágico da sua trajectória íntima.

Entretanto, a sua obra filosófica, nomeadamente as *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Séc. XIX*, seria precursora de algumas preocupações da «Renascença Portuguesa», ao lado da de Pedro Amorim Viana, com a sua *Defesa do Racionalismo e Análise da Fé*.

Outro pensador determinante para a geração da «Renascença Portuguesa» foi Sampaio Bruno, ensaísta e doutrinário político republicano que alcançou grande prestígio pela sua acção de pedagogia cívica, iniciada ao lado de Antero na Liga Patriótica do Norte e continuada, após o exílio subsequente ao 31 de Janeiro, numa intervenção jornalística incansável. Ele inspirou os jovens renascentistas, empenhados na mesma luta que travou contra a ditadura de João Franco, primeira prova por que todos passaram, nas suas lides libertárias.

Mas Bruno foi, antes de mais, um analista penetrante da problemática mental e moral da sua época, desde a sua crítica ao decadentismo e pessimismo da geração de 70 até à sua demarcação do positivismo republicano, sem esquecer as suas reflexões teodiceicas e a sua exegese do mito e do messianismo sebastianista, que tanto influenciou por exemplo Fernando Pessoa.

Ao lado de Sampaio Bruno, Basílio Teles exerceu outrossim sobre a «Renascença Portuguesa» uma influência assinalável, não apenas pela sua atitude exemplar no plano ético e político, desde as lutas da Liga Patriótica do Norte e do 31 de Janeiro, de que foi agente e historiador, mas também pela sua obra múltipla, que vai dos estudos económicos às investigações sobre a ciência grega e às traduções de clássicos como o «Prometeu Agrilhado» e o «Livro de Job», este último dado a conhecer em *A Águia*.

No domínio literário, há que referir a sugestão exercida por Guerra Junqueiro sobre os moços renascentistas, bem como, através dele, a admiração que votaram a Victor Hugo. Mas é talvez a poesia de António Nobre, com o seu neo-garrettismo, teorizado por Alberto de Oliveira, que prepara o clima de que emergirá o Saudosismo de Teixeira de Pascoaes, bem como o Lusitanismo de outros poetas d'*A Águia*, como Afonso Lopes Vieira e António Correia de Oliveira.

Esboçámos aqui apenas um quadro de referência sintético dos principais veios políticos, sociais e culturais que iriam confluír, a partir do séc. XIX, primeiro nos iniciadores da «Nova Silva», depois nos fundadores já amadurecidos da 1.^a e da 2.^a série d'*A Águia*. As relações entre estes diversos segmentos são porém bem mais complexas, compondo um tecido cerrado cujas linhas passam e repassam em cada membro de uma geração ecléctica e contraditória, mas enraizada nas suas matrizes, que herdou do fim do século uma crise crepuscular, de que intentou no entanto libertar-se através do que Pascoaes e Pessoa chamariam uma «Nova Renascença».

Outros mostrarão quanto os principais coriféus da «Renascença Por-

tuguesa» — de Pascoaes a Leonardo, de Jaime Cortesão a Teixeira Rego e tantos mais — têm de original e criador, nas suas identidades e nas suas diferenças. Pela nossa parte, quisemos tão somente lembrar alguns dos seus precursores, que estão na génese do movimento, como contributo à celebração deste seu 75.º aniversário, que a nossa revista em tão boa hora promove.

Que ela possa servir de exemplo às jovens gerações, neste fim de século que se aproxima e que anuncia também, cremos nós, a «Nova Renascença» que todos ansiamos para o século a vir.

NOTAS

¹ Prefácio da 4.ª edição de *O Infante de Sagres*, Porto, 1960.

² Cf. Sant'Anna Dionísio, *O Testamento Filosófico de Antero*, Lisboa, 1946, p. 177.